

CARTA DOS INDIOS KAYAPOS
PARA O PRESIDENTE ITAMAR FRANCO

Excelentíssimo Senhor Presidente ITAMAR FRANCO,

Quando os europeus portugueses chegaram na nossa terra em 1.500, tinham como interesse o comércio do Pau-Brasil e nós índios não sabíamos como cobrar o valor de cada tora do Pau-Brasil. Esta foi a nossa primeira riqueza natural explorada e mandada para Portugal. Nós, Kayapós, começamos a encontrar e conhecer o homem branco explorando nossas riquezas naturais já no início deste século.

Na década de 60, como nós já tínhamos contato com o homem branco, nós pudemos conhecer melhor o trabalho de destruição dos recursos naturais que ele fazia, como por exemplo, matando animais para a comercialização de pele de onça, gato maracajá, porco capitu, porco queixada, lontra, ariranha, voador e macaco da noite. Como só interessava a pele, a carne desses animais era jogada fora. Também nessa época havia o corte de madeiras de lei e explorado seringa, caucho e balata.

Chegamos na década de 80, quando o nosso próprio governo brasileiro diminuiu os recursos para a Funai (Fundação Nacional do Índio), que não teve mais condição de atender as necessidades de saúde e educação das aldeias Kayapós. Nesta época já estava havendo invasões de madeireiros e garimpeiros na nossa reserva, mas nós por nossa própria conta organizamos nossos grupos para expulsar os invasores, até que a Funai resolveu fazer anúncio no jornal oferecendo moço da Reserva Kayapó para venda.

As madeireiras Maginco e Sebba fizeram acordo para explorar madeiras das aldeias Kikrotum e Gorotire. A venda da madeira era controlada pela Funai e neste controle nós fomos enganados pela Funai e pelas madeireiras que ensinaram o índio a usar o dinheiro para construir casas de alvenaria, comprar carro, fazenda de gado, antena parabólica, avião e comprar alimentação no supermercado.

Recebido pelo Embaixador
Rubens Ricupero em
16.09.93

Angela Faria

Hoje, olhando para o passado nós entendemos que o dinheiro da madeira poderia ter sido usado melhor:

- Ter um projeto com todos os mecanismos para buscar uma alternativa econômica para as comunidades unatom, quando a madeira acabasse ou não pudesse ser mais vendida. Com isto, poder atender as necessidades das aldeias, principalmente na parte da saúde porque o nosso organismo não é muito forte para resistir às doenças trazidas pelo homem branco e a nossa medicina tradicional não serve para curar estas doenças.

Se tivéssemos recebido uma boa orientação, hoje nós os Kayapós, teríamos um hospital e escolas equipadas e ainda sobriam dinheiro para nos fazermos compras para as nossas famílias.

Sabemos que desde o descobrimento deste país que se chama Brasil, o homem branco começou a roubar e enganar nós e até fomos expulsos do nosso território e até massacrados e envenenados. Ainda hoje estamos sendo tratados com preconceito: O homem branco é gente. O índio não é gente? O índio não é ser humano?

Sabemos que 500 anos é diferente de 5 anos. Há 500 anos que o homem branco vem explorando as riquezas naturais do Brasil. Há 5 anos que os Kayapós estão explorando ouro e madeira por conta própria. Porque agora estão querendo impedir nós de fazer isto? Porque o homem branco está fazendo crítica muito forte perante a opinião pública nacional e internacional, usando televisão, jornais e revistas?

Informamos que por falta de assistência do governo brasileiro as madeiras e os garimpeiros entraram na nossa reserva. Se o governo tivesse liberado recursos para a Funai, o órgão estaria sempre ao lado do índio e mostrando o apoio do governo. Assim os Kayapós nunca teriam necessidade de negociar ouro e madeira.

Excelentíssimo Senhor Presidente, nós povos indígenas deste país temos nossas raízes fixas na nossa terra, que são as raízes originais deste país: nossos costumes, crenças, línguas, culturas e tradições. Sabemos que as leis de proteção aos recursos naturais devem ser cumpridas e respeitadas, mas a nossa sobrevivência também precisa ser respeitada.

Podimos, Senhor Presidente, que enquanto vamos vivendo da exploração do ouro e madeira em nossas terras, o governo comece a estudar uma maneira de nos ajudar a comercializar os nossos produtos naturais renováveis que existem na nossa reserva como a Castanha do Pará, Cumarú, Babaçu, Urucum, Copaíba, Andiroba, Jaborandi e outras ervas, flores, raízes, frutos, sementes e cascas de árvore de uso medicinal.

Se não encontrarmos alternativas de sobrevivência e formos proibidos de comercializar ouro e madeira, estamos preocupados de acontecer uma guerra, mas uma guerra sem explosões, tiros ou fumaça, porque vamos ser mortos pelas doenças e a falta de assistência nos hospitais, por não podermos pagar médicos e remédios.

Respeitosamente,

(Assinam os caciques e líderes das aldeias Kayapós: A-Ukre, Gorotiro, Kikretum, Kubenkankrenh, Kokrainoro, Pukanu, Kubenkokro, Baú, Kararaô, Catoté, Bacajá e Mentukire)